

## Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - [zildafracchetti@revistalush.com.br](mailto:zildafracchetti@revistalush.com.br) -



## DI CAVALCANTI – BRASIL E MODERNISMO

Dando continuidade às comemorações de seus 10 anos e reafirmando seu papel de importante divulgador da arte brasileira, o Museu Oscar Niemeyer apresenta até o dia 17 de fevereiro "Di Cavalcanti, Brasil e Modernismo". A exposição foi integralmente organizada pelo museu curitibano com curadoria de Olivio Tavares de Araujo, que selecionou mais de 70 obras pertencentes a colecionadores e a acervos museológicos. Foram quase 4 meses para reunir as obras, divididas entre pinturas, gravuras, desenhos e aquarelas. Olivio foi vê-las pessoalmente e teve bastante dificuldade em convencer os colecionadores a emprestarem-nas para a mostra. O valor de algumas é muito alto, o que torna esta mostra a mais cara já realizada pelo MON, em virtude do seguro. Palavras do curador: "Todas as exposições post mortem de Di Cavalcanti sempre foram ambiciosas e extensas, procurando corresponder a sua importância e prestígio. Esta é um pouco diferente. É antes uma homenagem que uma retrospectiva, no sentido habitual da palavra. Deseja penetrar em seu lado mais lírico, se não em sua intimidade enquanto pintor, através apenas de obras-primas. ▶



A partir de então, já conhecido pelos retratos de mulatas, suas obras passaram a ser muito disputadas e o levaram a se repetir até sua morte, em 1956. Infelizmente as obras destes últimos 15 anos são as mais presentes em leilões e as mais conhecidas pelo público, apesar de serem as de menor qualidade. Os temas do artista foram o morro, o samba, o circo, festas populares como o carnaval, ambientes boêmios, bordéis, paisagens urbanas e suburbanas, praias, marinheiros e mulheres, flores e frutos. Mas sua marca mais forte foi a figura feminina, principalmente as mulatas opulentas, sensuais, sonhadoras, serenas. Nelas o artista parece ter retratado a brasilidade mais verdadeira.➤

Ao lado de algumas telas famosas, são expostas várias outras até hoje inéditas em museus. Foram escolhidas porque nelas ele se expressa sem nenhum artifício nem pretensão além da qualidade. O mesmo acontece nos trabalhos sobre papel, os quais demonstram ainda o quanto Di foi um excelente desenhista. Sua mão exímia e fluente atendia plenamente àquela exigência de Picasso: "É preciso que a mão cante". As obras se concentram nas décadas de 1930 e 1950, incluindo poucas da década de 1920 ou posteriores a 1950. O melhor período de Di Cavalcanti foi de 1922 a 1950.



Auto-retrato de Di Cavalcanti, 1969



A arte de Di não foi de engajamento, de denúncia, de mostrar miséria e injustiça social. Pintou a beleza e a dignidade que se impõem apesar das dificuldades.

Suas pinturas, carregadas de lirismo, cores, volumes e luminosidade ímpares, ressaltam a exuberância natural e humana do Brasil.



"Sete Moças de Guaratinguetá", 1930 - MASP



Através de sua ousadia estética e perícia técnica ele retratou a originalidade de uma cultura constituída por referências indígenas, européias e africanas, de forma única.

Emiliano Di Cavalcanti nasceu em 1897 no Rio de Janeiro. O panorama das artes plásticas no Brasil, na época, era desolador devido à pouca informação, tradicionalismo das elites vigentes e dependência de correntes artísticas européias já ultrapassadas. Em contexto tão pobre foram de grande importância as exposições de Lasar Segall em 1913 e a de Anita Malfatti em 1917 (duramente criticada), que iniciaram um processo que culminaria com a Semana de Arte Moderna de 1922. Di Cavalcanti já era um artista conhecido na época e foi um de seus idealizadores. Ele participou da organização, fez os catálogos e expôs 11 pinturas. É considerado o "pai" da Semana, que nasceu de suas conversas com a mulher do milionário Paulo Prado, principal patrocinador do evento. ➤





Uma das mais importantes obras da história da arte brasileira, pertencentes à coleção do marchand Jean Boghici, a pintura "Samba" (1925), de Di Cavalcanti, foi destruída em incêndio em 2012. Poderia ser avaliada em mais de US\$ 10 milhões.



O movimento modernista tinha como objetivo descobrir e revelar o país, criar uma arte nacional segundo o que se fazia de moderno na Europa naquele momento: o cubismo, na França, e o expressionismo alemão, porém com linguagem e imagética locais. Di iniciou a carreira em 1914 (ano em que seu pai morreu), quando a revista Fon-Fon publicou caricaturas suas. Dois anos depois iniciou o curso de Direito, mas não o terminou. Em 1917 mudou-se para São Paulo, onde conviveu com Mario e Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Brecheret. Frequentou aulas de pintura, mas é considerado auto-didata.▶



Entre 1923 e 1925 viveu em Paris, como correspondente internacional do jornal Correio da Manhã e lá conviveu com Picasso, Braque e Matisse. Teve também influência da arte clássica italiana, de Delacroix, Gauguin e dos muralistas mexicanos. Na volta ingressou no Partido Comunista; foi preso mais de uma vez e voltou a viver em Paris entre 1937 e 1940. Executou vários painéis, publicou álbuns com gravuras e serigrafias, ilustrou livros, bilhetes de loteria e desenhou joias. Escreveu crônicas para jornais e revistas.



Recebeu vários prêmios, entre eles o de Melhor Pintor Nacional na II Bienal de São Paulo, a medalha de Ouro na II Bienal Interamericana do México e o primeiro prêmio, em 1956, na Mostra de Arte Sacra (Itália). Participou da 28ª Bienal de Veneza e de inúmeras exposições no Brasil e no exterior.

Di Cavalcanti é um dos mais populares artistas brasileiros, com enorme prestígio também no exterior. Suas obras alcançam altos valores em leilões internacionais e estão presentes em importantes coleções latino-americanas. A exposição do MON é uma oportunidade única e imperdível para se apreciar o melhor da trajetória desta figura-chave da arte brasileira. ▀